



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES 1979

SOLIDÁRIO ENTUSIASMO MISSIONÁRIO

PARA CONSTRUIR A «CIVILIZAÇÃO NOVA» *A todos os meus irmãos e filhos em Cristo* Ao inaugurar o ministério apostólico no domingo 22 de Outubro do ano passado — data que felizmente coincidiu com o Dia Missionário Mundial na Igreja católica — não pude omitir, entre as intenções primárias, que ardiam no meu espírito naquela solene circunstância, a referência ao problema sempre actual e urgente da dilatação do Reino de Deus entre os povos não cristãos. Dirigindo-me, de facto, a todos os fiéis espalhados pelo mundo, recordei como naquele dia a Igreja orava, meditava e se esforçava para que as palavras de vida de Cristo chegassem a todos os homens, a fim de serem por eles acolhidas como mensagem de esperança, salvação e libertação total (Cfr. AAS LXX, pág. 947). Esse pensamento renovou-se em mim enquanto compunha a primeira Carta Encíclica e tratava o tema da missão da Igreja ao serviço do homem; ele volta agora a vibrar mais insistentemente ainda, ao ter em vista o Dia Missionário do próximo Outono. A este propósito, julgo oportuno retomar e desenvolver uma afirmação que na mencionada Encíclica só pude enunciar, quando escrevi que «a missão não é nunca destruição, mas reassunção de valores e nova construção». (Enc. *Redemptor hominis*, 12). Na verdade a expressão pode oferecer tema adequado para a nossa reflexão comum. **A Missão não é destruição de valores** Quantos e quais são os valores presentes no homem? Recordo rapidamente os específicos da sua natureza, como a vida, a espiritualidade, a capacidade de doação e de amor; os provenientes do contexto cultural em que ele está situado, como a linguagem e as formas de expressão religiosa, ética e artística; os derivados do seu esforço e experiência na esfera pessoal e na da família, do trabalho e das relações sociais. Ora é com este mundo de valores, mais ou menos autênticos e desiguais, que o missionário entra em contacto na sua obra de evangelização: diante deles deverá colocar-se em atitude de atenta e respeitosa reflexão, preocupando-se com não abafar nunca, mas salvar e desenvolver, tais bens acumulados no decurso de tradições de séculos. É necessário reconhecer o estudo constante em que o trabalho missionário se inspira e deve inspirar-se, em acolher estes valores do mundo, no qual esse trabalho se pratica: a atitude fundamental, naqueles que levam o alegre anúncio do Evangelho aos povos, é a de propor, e não impor, a Verdade cristã. Isto requer-se, primeiramente, da dignidade da pessoa humana, que a Igreja, a exemplo de Cristo, sempre defendeu contra qualquer forma aberrante de coacção. De tal dignidade, com efeito, é a liberdade pressuposto fundamental e irrenunciável (Cfr. Declar. *Dignitatis humanae*, 2). Isto é requerido também pela natureza mesma da fé, que pode nascer só dum assentimento livre (Cfr. *ibid.*, 10). O respeito pelo homem e a estima «por aquilo que ele mesmo no íntimo do seu espírito elaborou quanto aos problemas mais profundos e mais importantes» (Enc. *Redemptor hominis*, 12), mantêm-se como princípios basilares para qualquer recta actividade missionária, entendida como prudente, oportuna e activa sementeira evangélica, não já como desenraizamento daquilo que, sendo

autenticamente humano, tem valor intrínseco e positivo. **A Missão é a reassunção de valores** «As Igrejas jovens — lê-se no Decreto *Ad Gentes* — recebem dos costumes e das tradições, da sabedoria e da doutrina, das artes e das disciplinas, tudo aquilo que pode contribuir para confessar a glória do Criador, ilustrar a graça do Salvador e ordenar, como convém, a vida cristã» (Cfr. Decr. *Ad Gentes*, 22). A acção evangelizadora deve tender, portanto, a dar relevo e a desenvolver aquilo que, sendo válido e são, está presente no homem evangelizado, como no contexto sócio-cultural a que ele pertence. Como método atento e discreto de educação (no sentido etimológico de «tirar para fora»), ela fará que surjam e atinjam a maturidade, depois de os purificar das incrustações e dos sedimentos acumulados com o tempo, os autênticos valores de espiritualidade, religiosidade e caridade que, como «sementes do Verbo» e «sinais da presença de Deus», abrem o caminho à aceitação do evangelho. Tornando próprias «as riquezas das nações que foram dadas a Cristo em herança» *Ibidem.* e iluminando com a palavra do Mestre aquela soma de costumes, tradições e conceitos que formam o património espiritual dos povos, a Igreja contribuirá assim para a construção duma civilização nova e universal, que, sem alterar a fisionomia e os aspectos típicos dos diversos contextos étnico-sociais, atingirá o seu aperfeiçoamento adquirindo os mais altos conteúdos evangélicos. Não é porventura este o testemunho que nos vem de tantos Países de missão (penso, por exemplo, nas Igrejas da África), onde a força do Evangelho, livre e conscientemente recebido, longe de anular, reforçou as tendências e os aspectos melhores das culturas locais e favoreceu novo desenvolvimento delas? «O Evangelho de Cristo — recorda ainda o Concílio numa bela página da Constituição *Gaudium et Spes* — renova continuamente a vida e cultura do homem decaído, combate e elimina os erros e males nascidos da permanente sedução e ameaça do pecado. Purifica sem cessar e eleva os costumes dos povos. Fecunda como que por dentro, com os tesouros do alto, as qualidades de espírito e os dotes de todos os povos e tempos; fortifica-os, aperfeiçoa-os e restaura-os em Cristo. Deste modo, a Igreja, só com realizar a própria missão, já com isso mesmo estimula e ajuda a civilização ...» (*Gaudium et Spes*, 58). **A Missão é a nova construção** A acção evangelizadora, tendendo a transformar «a partir de dentro» todas as criaturas humanas, introduz nas consciências um fermento renovador, capaz «de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação» (Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 19). Solicitado por tal impulso interior, o indivíduo é levado a tomar, cada vez mais, melhor consciência da sua realidade de «cristão», isto é, da dignidade que lhe é própria enquanto ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, nobilitado na mesma natureza pelo acontecimento da Encarnação do Verbo, destinado a um ideal de vida superior. Encontramos aqui as bases daquele «humanismo cristão», em que os valores naturais se conjugam com os da Revelação — a graça da filiação adoptiva divina, da fraternidade com Cristo e da acção santificadora do Espírito. Torna-se então possível o nascimento da «nova criatura», rica ao mesmo tempo de valores humanos e divinos: eis aqui o «homem novo», elevado a uma dimensão transcendente, a que vai buscar o auxílio indispensável para dominar as paixões e praticar as mais difíceis virtudes, como o perdão e o amor do próximo, feito seu irmão. Tendo crescido na escola do Evangelho, o «homem novo» sente o impulso para se tornar defensor da justiça, da caridade e da paz, no contexto sócio-político a que pertence, e torna-se factor, ou pelo menos colaborador, daquela «cidade nova», que tem no Sermão da Montanha a sua *magna charta*. Vê-se claramente, portanto, como a renovação promovida pela actividade evangelizadora, sendo embora essencialmente espiritual, vai direita ao coração da questão grave e atormentadora das injustiças e dos desequilíbrios económicos e sociais, que afligem tão grande parte da humanidade, e pode contribuir para a sua solução. Evangelização e promoção humana, numa palavra, sendo embora claramente distintas Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 35., estão entre si ligadas com nexos indissolúvel, que expressivamente encontra a sua junção na mais alta virtude cristã: a caridade. «Aonde chega o Evangelho, chega a

caridade», afirmava o meu Predecessor Paulo VI na Mensagem do Dia Missionário de 1970. E, de facto, os missionários não faltam nunca a esta obrigação fundamental, esforçando-se sempre por completar o serviço próprio deles «pro causa salutis», com uma decidida e construtiva acção em favor do desenvolvimento. É disso demonstração esplêndida o florescimento, em todos os Países de missão, de Escolas, Hospitais e Instituições, a cujo lado se vem juntar uma série completa de iniciativas no campo técnico, assistencial e cultural, que são fruto de duros sacrifícios pessoais por parte dos missionários mesmos, como também o são das renúncias ocultas de tantos irmãos deles que residem noutros campos. Edificando a humanidade nova, penetrada pelo Espírito de Cristo, a actividade missionária apresenta-se ao mesmo tempo como o instrumento idóneo e eficaz para resolver não poucos dos males do mundo contemporâneo: injustiça, opressão, marginalização, exploração e solidão. É obra — como todos vêem — imensa e entusiasmante, a que é chamado cada cristão a dar o próprio contributo. ***A cooperação e as pontifícias obras missionárias*** Na realidade, a difusão do anúncio da salvação, longe de ser prerrogativa dos missionários, é dever grave que impende sobre o Povo de Deus, como recordou autorizadamente o Concílio: «Como membros de Cristo vivo, ... todos os fiéis estão obrigados, por dever, a colaborar no crescimento ... do seu Corpo» (Cfr. Decr. *Ad Gentes*, 36). Sobre este dever não posso, pois, deixar de me fixar para concluir estas minhas palavras. Aqueles que, tendo recebido o dom da fé, gozam dos ensinamentos de Cristo e participam nos Sacramentos da sua Igreja, não podem, precisamente por causa do mandamento do amor e — diria até — pela solidariedade da caridade, não podem desinteressar-se dos milhões de irmãos, a quem não foi ainda levada a Boa Nova. Devem aqueles participar na acção missionária, primeiramente com a oração e com a oferta dos próprios sofrimentos: é este o modo de colaboração mais eficaz, uma vez que, exactamente por meio do calvário e da cruz, levou Cristo a termo a sua obra redentora. Devem, depois, conservá-la com generosos auxílios concretos, porque, nas terras de missão, imensas e inúmeras são as necessidades de ordem material. Tais auxílios, recolhidos por meio das Pontifícias Obras Missionárias — órgão central e oficial da Santa Sé para a animação e a cooperação missionária —, serão em seguida distribuídos, segundo a justiça e a oportunidade, entre as Igrejas jovens. «Com todo o direito se deve dar o primeiro lugar a estas Obras, uma vez que são meios para oferecer aos católicos um sentido verdadeiramente universal e missionário ...» (Cfr. Decr. *Ad Gentes*, 38). São elas que asseguram a coordenação eficiente na visão global das receitas e dos pedidos; é delas que parte, ramificando-se, a rede capilar da caridade missionária. Mas a sua razão de ser não se reduz só a função organizativa; na realidade, elas são chamadas a exercer um papel de activa mediação e de comunicação inter-ecclesial, favorecendo o contacto frequente e fraterno entre as várias Igrejas locais, entre as de antiga tradição cristã e as de recente fundação. E esta é função muito mais alta, porque directamente reflecte e promove a circulação da caridade. Expressando desde agora viva gratidão a todos quantos recebam de coração aberto a presente mensagem, invoco a plenitude dos favores celestiais para os venerados Irmãos no episcopado, para as suas comunidades diocesanas, como também, sobretudo, para cada Missionário e Missionária e seus Institutos, enquanto, em penhor de atento afecto, a todos concedo a Bênção Apostólica. *Do Vaticano, aos 14 de Junho, Solenidade do Corpo e do Sangue de Cristo, do ano de 1979, primeiro do Pontificado.* **JOÃO PAULO II**